

Apontamentos para uma narratologia da identidade pessoal

INÊS ESPADA VIEIRA¹

Num painel sobre Antropologias, começo por agradecer as aspas que acompanham o título². Pouco sei falar sobre Antropologia, além do conhecimento de quem procurar ler e escutar o mundo com atenção, e da própria experiência antropológica, mais vivida do que refletida.

O que posso trazer a este diálogo é um contributo dos Estudos de Cultura, uma disciplina de interseção de saberes, que se serve habitualmente dos métodos interpretativos dos estudos literários para olhar a realidade que nos rodeia, sem esquecer que esta realidade é mutável, plural e complexa.

A partir do título deste Simpósio — *Lugares da afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal* —, proponho um momento de leitura orientado pelas cinco categorias da narrativa: espaço, tempo, ação, personagens e narrador.

E desde logo o título-mote do Simpósio nos interpela com o número plural de *lugares*. Creio que a consciência da pluralidade é fundamental na nossa construção e na nossa ação como indivíduos e como cidadãos. Parece uma obviedade, mas nem sempre é tão evidente. Os espaços onde a nossa história se desenvolve também a condicionam, de modos felizes ou dolorosos. Conhecer o lugar, senti-lo, observá-lo, caminhar nesse sítio, é um modo de apropriação do contexto de cada um e, assim, um modo de nos situarmos em coordenadas contextuais que nos condicionarão.

¹ Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas.

² O título do painel a que se refere a Autora é «Antropologias», obedecendo ao formato *Conversas Cruzadas*. Os modos antropológicos de pensar o humano são muitos e diferentemente ricos, podendo cruzar-se e, assim, ganhar maior largueza, maior profundidade, também, maior elevação (N. Coord.).

Regressemos por momentos às aulas de Português: no cruzamento das linhas de espaço(s) e tempo(s), desenrola(m)-se linha(s) de um novelo mais ou menos enredado da história de diversas personagens. Mas o que faz distinguir a narrativa do texto dramático é sobretudo a presença dessa entidade misteriosa que é o narrador. O narrador pode coincidir com uma personagem, protagonista ou personagem secundária, pode ser presente ou ausente, onisciente ou não onisciente.

[Só mais um bocadinho de paciência na revisão da matéria dada, caro leitor...].

Ora, o texto narrativo concretiza-se em diferentes modos: sequências textuais de narração, descrição, diálogo e monólogo. Tempos e ritmos diferentes na grande história individual e do mundo, feita de avanços, pausas, recuos, discussões, meditações.

Como somos e quem somos na configuração da nossa identidade? Narradores ausentes ou participantes? Somos uma personagem em mãos alheias, ou somos protagonistas? Quem nos constrói, como nos construímos? Uma coisa é certa, nos livros, como na vida (porque não há livros sem a vida, palpável ou imaginada), construímo-nos em relação. Com o espaço e o tempo, com as outras personagens, em relação com os acontecimentos a que vamos assistindo ou experienciando na primeira pessoa. E, porventura, construímo-nos igualmente em relação com os leitores desta nossa história: com o que têm a dizer e com o que esperam de mim, de nós, aqueles que a observam de um lugar exterior.

O que se conta? Do que se trata? Que história é esta? Nesta dupla jornada do «Entre Linhas», em Coimbra, percebemos que só há necessidade de falar disto (escrevo de propósito o pronome *isto* e deixo a cada um pensar quais são os nomes que este pronome pode substituir) quando há hesitação, dúvida, abuso, angústia, quando há dor e frustração.

Que respostas temos perante histórias de procura e de sofrimento? Há uma sem dúvida, a que as ciências chamam *empatia*, e a nossa experiência cristã chama *amor*: compaixão, ajuda, auxílio, cuidado, bondade, acolhimento, amabilidade, amparo, misericórdia, solidariedade, consolo, acompanhamento, ...

Estas palavras não foram escritas ao acaso, elas foram todas ditas em diferentes intervenções do público ou dos oradores do Simpósio. São tantas e tão férteis as palavras para dizer *amor*!

Voltemos à narrativa e à primeira categoria: *o lugar*. O que são a empatia e o amor, se não também a capacidade de nos colocarmos no *lugar* do outro? Esse lugar que pode ser de desajuste, de excesso ou de nimiedade, de violência, de solidão e abandono, de desorientação. Colocar-se no lugar do outro faz-nos de certa forma assumir a sua história, sentir o seu chão, olhar o mesmo horizonte (e que curto pode ser o horizonte de quem não tem esperança!).

Ser empático não significa não ser crítico; aceitar não significa aplaudir. Significa, isso sim, não admitir violência e agressividade no relacionamento com os outros. Refiro-me tanto à agressividade de algumas palavras como à ausência de outras, de palavras de amor. Ser crítico não é proibir ou excluir, mas não pode ser agredir. Ser empático é estar com o outro, inclui-lo/incluir-se numa história comum ou, quando incluir plenamente não é possível, pelo menos não (se) excluir.

Na configuração da identidade pessoal, procuramos ser narradores e personagens numa narrativa de pertença. Só num espaço e lugar de encontro fecundo podemos escrever vidas felizes.

Termino com uma divisa que conhecemos da História do mundo ocidental, e que me atrevo a propor também para orientar a experiência plena dos nossos contextos vitais: liberdade, igualdade e fraternidade.